

Entre ficar e sair do meio rural: o que dizem os/as jovens estudantes da Bahia

In between staying and leaving the countryside environment: what the young students from Bahia say about it

Entre quedarse y salir del medio rural: lo que dicen los jóvenes estudiantes de Bahía

Catarina Malheiros da Silva¹

Resumo: A intensificação do fluxo migratório dos jovens rurais para as cidades, em razão da ampliação do nível educacional, tem se constituído como uma tendência em várias localidades rurais. Esse movimento, que também está aportado num projeto coletivo de melhoria de vida, marca a trajetória educacional dos jovens. O presente artigo se propõe a compreender os significados da migração para os/as jovens estudantes do meio rural. Realizou-se uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão constituíram-se os principais instrumentos de coleta de dados. Foram realizados 10 grupos de discussão com jovens do sexo masculino e feminino, matriculados nos anos finais do ensino fundamental de uma escola localizada em Distrito rural de um município da Bahia. A análise dos grupos foi feita com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack. Os resultados da pesquisa desenvolvida apontam que são os vínculos familiares que parecem mover os possíveis deslocamentos dos/das jovens, pois estes pensam a permanência ou não na localidade, a partir das necessidades interpostas pelo grupo familiar. Os projetos de futuro desses jovens vão sendo construídos ainda em meio ao conflito que vivem, entre ficar com a família e sair para ter uma vida melhor.

Palavras-chave: jovens rurais; migração; educação escolar.

Abstract: The intensification of the migratory flow of young people from countryside to the cities, because of the expansion of the educational level, has constituted like a trend in several rural

¹Doutora em Educação pela Universidade de Brasília/UnB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa GERAJU- Gerações e Juventude. E-mail: catems14@gmail.com

Este artigo apresenta um dos eixos temáticos da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade de Brasília e do Grupo de pesquisa GERAJU, cujo título é: “*Escola, saberes e cotidiano no meio rural: um estudo sobre os/as jovens do Sertão da Bahia*”, sob a orientação da Prof^a Dra. Wivian Weller, no período de 2007-2008.

locations. This movement, which is also part of a collective project of improvement life, it marks the educational trajectories of young people. This article aims to understand the meanings of migration for young rural students. An ethnographic research was carry out, which participant observation, interviews with residents and discussion groups were the main tools of information gathering. 10 discussion groups with young men and women who was enrolled in the final years of elementary education from a school which is located in rural district in a city of Bahia at a school located in a rural district of a county. The analysis of the groups was based on the documentary method of interpretation developed by Karl Mannheim and adapted for empirical social research by Ralf Bohnsack. The results of the research developed show that they are the family bonds that seem to move the possible displacements of the young people, because they think about the permanence or not in the locality, based on the needs interposed by the family group. The future projects of these young people are being built even in the midst of the conflict they are living, between staying with the family and going out to have a better life.

Keywords: rural youth; migration; schooling.

Resumen: La intensificación del flujo migratorio de los jóvenes rurales a las ciudades, debido a la ampliación del nivel educativo, se ha constituido como una tendencia en varias localidades rurales. Este movimiento, que también está aportado en un proyecto colectivo de mejora de vida, marca la trayectoria educativa de los jóvenes. El presente artículo se propone comprender los significados de la migración hacia los jóvenes estudiantes del medio rural. Se realizó una encuesta etnográfica en la que la observación participante, las entrevistas con los residentes y los grupos de discusión se constituyeron en los principales instrumentos de recolección de datos. Se realizaron 10 grupos de discusión con jóvenes del sexo masculino y femenino, matriculados en los años finales de la enseñanza fundamental de una escuela ubicada en Distrito rural de un municipio de Bahía. El análisis de los grupos se basó en el método documental de interpretación desarrollado por Karl Mannheim y adaptado a la investigación social empírica por Ralf Bohnsack. Los resultados de la investigación desarrollada apuntan que son los vínculos familiares que parecen mover los posibles desplazamientos de los jóvenes, pues éstos piensan la permanencia o no en la localidad, a partir de las necesidades interpuestas por el grupo familiar. Los proyectos de futuro de estos jóvenes van siendo construidos aún en medio del conflicto que viven, entre quedarse con la familia y salir para tener una vida mejor.

Palabras clave: jóvenes rurales; la migración; educación escolar.

1. Introdução

A intensificação do fluxo migratório de jovens rurais para as cidades, em razão da ampliação do nível educacional, tem se constituído como uma tendência em várias localidades rurais. Esse movimento, que também está aportado num projeto coletivo de melhoria de vida, marca as trajetórias formativas dos/as jovens.

No meio rural brasileiro, espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado, são tecidas relações sócio-culturais singulares, ao mesmo tempo que se mantêm vínculos de dependência com os centros urbanos. Não se pode negar a influência histórica da cidade no campo, cada vez mais acentuada com a urbanização do meio rural e com a absorção de novos elementos políticos, sociais e econômicos em sua prática produtiva e em seu modo de vida. Por outro lado, pensar o meio rural a partir das suas singularidades nos possibilita reportar à “invisibilidade” que atinge a população rural como um todo. Para autores como Veiga (2003) e Weisheimer (2013) as condições precárias a que são submetidos os sujeitos do campo fortalecem a calcificação de imagens discriminatórias sobre a população rural. O desconhecimento e negação dos modos de vida dessa população fazem com que as demandas existentes no campo sejam negligenciadas.

A juventude rural figura como parcela dessa população ainda bastante desconhecida, dado o não reconhecimento de problemas específicos que os afetam, ao contrário dos jovens urbanos que são vislumbrados pelas instituições, especialmente no que diz respeito à proposição de políticas públicas. Também não são reconhecidas as práticas de sociabilidade e as vivências culturais, aportadas num contexto específico. Vale ressaltar, no entanto, que essas singularidades estão entrelaçadas com a dinâmica da economia e da sociedade como um todo. Assim, não se pode instituir fronteiras nítidas entre os universos culturais dos sujeitos do campo e da cidade, já que ambos compartilham projetos que se assemelham (CARNEIRO, 2005).

As questões vinculadas aos jovens rurais devem ser reconhecidas, considerando a atualidade dos contextos em que estes estão inseridos, os aspectos comuns e específicos que marcam as experiências cotidianas em distintas regiões, bem como as mudanças na relação entre homens e mulheres, e entre as gerações. Outra questão apontada, a partir das reivindicações dos movimentos sociais, diz respeito à relevância do estudo das necessidades e interesses dos jovens, bem como a assunção por parte do Estado e dos atores sociais destas demandas, numa vertente propositiva (STROPASOLAS, 2007).

O estudo dos processos migratórios tem dedicado atenção aos novos sujeitos que

empreendem estes projetos de saída do meio rural, homens e mulheres jovens. Busca entender o que motiva a saída destes, bem como a compreensão das elaborações construídas acerca das saídas da casa paterna. Se a migração dos jovens se constitui em assunto bastante estudado, é preciso atentar para as novas configurações migratórias, a exemplo dos jovens que migram para os cortes de cana, e que tem mais de dez anos de estudo. Em algumas áreas rurais brasileiras, as projeções feitas pelos/as jovens em torno da continuidade dos estudos estão associadas à ideia de migração e de mobilidade social. Esse cenário possibilita o entendimento do ser jovem no meio rural, uma vez que a ampliação da escolaridade favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e coabitação com a família de origem (ABRAMOVAY, 1998).

Considerando a relevância dos fluxos migratórios para a população jovem dos pequenos municípios brasileiros, este artigo se propõe a compreender os significados da migração para os/as jovens do distrito Espreado e fazendas, localizado em área rural do município baiano de Palmas de Monte Alto. Realizou-se uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão constituíram-se os principais instrumentos de coleta de dados. A análise dos grupos foi feita com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (WELLER, 2005; BOHNSACK; WELLER, 2006).

Diante dos limites deste artigo, será apresentada a seguir uma discussão acerca das especificidades concernentes à juventude rural e à migração, o itinerário da pesquisa de campo desenvolvida no distrito e os grupos de discussão “Os/as jovens que vêm de longe” e “As meninas que sonham”. No primeiro momento, faz-se uma breve apresentação do perfil dos participantes de cada grupo. Em seguida, a análise do eixo migração, que se propõe a compreender os significados atribuídos pelos/as jovens estudantes aos percursos migratórios, baseados nas elaborações sobre a permanência e a saída do meio rural.

2. Juventude rural e percursos migratórios

Os estudos sobre o rural na América Latina, centravam-se no campesino ou na família, como unidade básica de produção e reprodução econômica. Esta invisibilidade dos jovens está associada a ideia que vigorava sobre o rural, como lugar arcaico que seria superado através do desenvolvimento modernizante. A partir dos anos 1980, apesar da predominância do caráter metropolitano e urbanizante das pesquisas, observam-se mudanças significativas nos estudos

sobre a juventude rural (CANGAS, 2003).

Weisheimer (2013) destaca que nas últimas décadas no Brasil e na América Latina, ocorreu uma preocupação com a situação da juventude rural, embora tanto na esfera pública quanto acadêmica, a juventude rural latino-americana, ainda permaneça invisibilizada. Ressalta ainda que a produção incipiente, descontínua e fragmentada acerca da juventude rural, dificulta a consolidação de um campo de estudo. Para Castro (2009; 2016) a pouca visibilidade desse segmento deve-se ao fato de que a juventude rural se constitui em minoria da população jovem do país. Para a autora, trata-se de oito milhões de jovens, que embora sejam apresentados como ‘minorias’, desafiam os pesquisadores a reconhecê-los, para além de um recorte de população específica.

No que concerne aos processos migratórios rurais na atualidade, observa-se que os fluxos não ocorrem apenas das regiões pobres em direção às ricas. Tal constatação rompe com a ideia ainda vigente, que aponta a migração, como um fenômeno que impulsiona a exportação da pobreza para regiões de maior poder e dinamismo econômico. Sobre a migração interregional, especialmente a do nordeste para o sudeste, além dos fluxos serem marcados por um elevado percentual de jovens, constata-se ainda que os migrantes usufruem de melhores condições, no tocante à formalização do trabalho (IPEA, 2010).

No que tange à discussão acerca dos processos migratórios nos diversos contextos rurais, Scott (2010, p. 23), chama a atenção para os significados do êxodo, especialmente para aqueles que empreendem os projetos de saída:

Muitos “êxodos” se revestem de nuances que informam as oportunidades e pressões aos quais as diferentes categorias de membros de família e de comunidades do meio rural estão submetidas na busca de uma articulação, eficiente ou não, com oportunidades nas cidades, em outras regiões, e em outros locais.

Silva (2008) aponta alguns aspectos que figuram como essenciais para o entendimento das situações concretas e particulares que circundam o migrante. Primeiramente, trata-se de um trabalhador, que está inserido em determinadas relações sociais, resultantes de processos de violência e expropriação. Em seguida, o migrante integra uma realidade social, definida por laços sociais, que o situam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. Nesse sentido, os fatores econômicos não são os únicos a serem considerados na análise dos processos migratórios rurais, bem como dos sujeitos envolvidos. A resignificação social dos migrantes nos espaços de origem e de destino, chama a atenção para o entendimento destes, não como pontos

isolados, ainda que distantes geograficamente, mas como espaços que favorecem a vivência de experiências que são comuns aos migrantes.

A migração de trabalhadores do meio rural, oriundos de estados do nordeste, em direção às áreas canavieiras da região sudeste, tem-se intensificado nas últimas décadas. Trata-se de uma migração temporária, já que em geral, as viagens são feitas, nos primeiros meses do ano, março ou abril, e o retorno aos municípios de origem, ocorre no período de novembro a dezembro. Estudos recentes identificam a consolidação de um novo fenômeno, a migração permanentemente temporária, que constitui-se em eterno processo de “partidas” e “retornos” daqueles que migram (SILVA, 2008; MENEZES; SILVA, 2010).

No que tange ao fluxo migratório dos jovens rurais nas últimas décadas, vários estudos no Brasil e em outros países atestam a tendência da saída destes em direção às cidades (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998). Este fenômeno vem sendo analisado a partir das dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais, especialmente no que diz respeito ao acesso à escola e ao trabalho, bem como a possível atração exercida pelo meio urbano sobre os jovens, especificamente seu estilo de vida (CASTRO, 2009; CARNEIRO, 2005).

Para Durston (1994), os fluxos migratórios com a presença de rapazes e moças se dão em estágios distintos, sendo que num primeiro momento prevalece a emigração, em geral temporária, de jovens rapazes pouco qualificados que buscam suplementar a escassa renda da família. Num estágio posterior, a aquisição de mais anos de educação formal pelas moças pode significar maiores possibilidades de acesso a trabalhos qualificados.

No âmbito internacional, a implementação de políticas públicas na Europa e nos Estados Unidos em prol do povoamento do meio rural, reflete a preocupação com o esvaziamento social do campo. Embora as migrações de retorno de populações aposentadas tenham se intensificado, o que garante a possibilidade de revalorização do meio rural, constata-se que a ausência de jovens e a desproporção entre os sexos dificultam as chances de retomada (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998).

Um outro aspecto concernente à mobilização dos jovens rurais para a cidade diz respeito à relação estabelecida entre os jovens e a atividade agrícola. O trabalho como agricultor vincula-se à valorização que o jovem e sua família atribuem a esta atividade. Diversas pesquisas demonstram que a atividade agrícola é considerada relevante para as famílias rurais (WANDERLEY, 2006; CARNEIRO, 2005; BRUMER, 2007).

A migração para a cidade pode significar também uma estratégia, tanto da família, quanto dos jovens de construir novas possibilidades de vida no campo, a partir do desenvolvimento de outras atividades econômicas, tornando a migração temporária. A migração não se constitui na única forma de vinculação dos jovens com o mundo urbano. A existência de atividades não agrícolas em áreas próximas ao meio rural, a exemplo do que acontece em várias cidades brasileiras, permite que os jovens rurais permaneçam em suas localidades (CARNEIRO, 2005).

Nesse sentido, Castro (2009, p. 192), considera relevante

Repensar a ideia de ‘sair e ficar’ como movimentos definitivos dos jovens, e observá-los, a partir das múltiplas formas em que se apresentam, podendo significar estratégias familiares de manutenção da terra, ou mesmo formas de se afastar da ação da autoridade paterna. Deve-se também analisar a ‘escolha’ entre permanecer ou sair a partir das condições de reprodução social da família e de autonomia do jovem.

Outro aspecto a ser ressaltado é que para muitos jovens rurais, a ausência de espaços de lazer e a inexistência de um projeto de educação para a juventude rural contribuem para a avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração. Pensar a juventude rural implica reconhecer seu potencial para a proposição de políticas públicas, que promovam tanto a concessão de terra e crédito para a inserção produtiva como o desenvolvimento das práticas de sociabilidade e interação social, numa dimensão que desmistifique a visão de juventude como problema e reconheça os jovens como senhores de suas diferenças e sujeitos de direitos.

3. Procedimentos metodológicos: a pesquisa no distrito espraído

A pesquisa que subsidia as discussões apresentadas no presente artigo foi realizada para a elaboração de uma dissertação de mestrado na UnB, com jovens estudantes do Distrito rural Espraído, no município de Palmas de Monte Alto (BA), no período de 2007-2008. O estudo buscou compreender e analisar o significado das experiências escolares para a formação de jovens que vivem no Sertão da Bahia, além de investigar suas vivências cotidianas e projetos de futuro. O critério de escolha do Distrito Espraído para a realização do estudo está aportado no fato de que a oferta de Educação Básica constitui-se em fenômeno recente nesse distrito, haja vista que as áreas rurais de pequenos municípios brasileiros tiveram um processo de escolarização tardio e sexista. Aspectos como a distância da sede do município, a densidade demográfica e as marcas de isolamento também motivaram a realização do estudo.

O colégio no qual foram localizados os/as jovens é uma instituição de ensino fundamental da rede pública do referido município que funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. O turno matutino é frequentado por crianças oriundas da sede do distrito, que cursam a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. Os/as jovens provenientes das fazendas e sede do distrito estudam as séries finais no turno vespertino e chegam à escola no ônibus escolar, que transporta estudantes e pessoas da comunidade. No noturno funciona uma turma de 5^a/6^a série, frequentada por adultos e jovens que estudam na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de turmas de ensino médio.

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas com moradores e os grupos de discussão (WELLER, 2013) constituíram-se os principais instrumentos de coleta de dados. Os grupos de discussão foram formados com jovens estudantes do sexo masculino e feminino, tomando-se por base o critério da amizade, ou seja, os próprios jovens determinavam quem participaria do grupo, com a presença de três a seis integrantes por grupo.

Foram realizados, no total, dez grupos de discussão com jovens oriundos do distrito e fazendas vizinhas, alunos da 5^a a 8^a série, faixa etária de 12 a 18 anos, entre os meses de fevereiro e março de 2008. Utilizou-se um tópico-guia que trazia os temas de interesse da pesquisa. No primeiro momento, optou-se por realizar os grupos com jovens matriculados nos últimos dois anos do ensino fundamental, haja vista que se trata de uma fase em que novas perspectivas e projetos de futuro começam a ser delineados. Questões sobre a continuidade dos estudos, a busca por trabalho na cidade, o ingresso em cursos técnicos fazem parte dos interesses desses jovens. Ao término dos grupos de discussão, com o objetivo de obter informações adicionais, cada participante preenchia um formulário com informações relevantes para a constituição do perfil de cada um.

Em seguida, deu-se início à análise dos dados empíricos. Inicialmente, realizou-se a transcrição e divisão temática dos grupos de discussão realizados com os/as jovens. Essa divisão compreende a identificação das passagens/subpassagens e da metáfora de foco. Embora todos trouxessem aspectos importantes para serem analisados, a escolha de grupos representativos para análise era necessária.

Nesse sentido, foi feita a transcrição completa e codificada² de três grupos, tendo-se o cuidado de preservar as marcas de oralidade dos entrevistados, na tentativa de garantir o reconhecimento do dialeto local e da densidade interativa presente nos grupos. Para a análise, foram escolhidos os grupos “Os/as jovens que vêm de longe” e “As meninas que sonham”. A escolha está aportada nas especificidades apresentadas pelos referidos grupos, tais como o local de moradia, as representações de gênero e os significados da educação escolar. O processo de análise destes foi feito com base no método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (WELLER, 2005; BOHNSACK & WELLER, 2006).

4. Perfil dos/as participantes do grupo de discussão: os/as jovens que vêm de longe

Moisés

Moisés (Mm) tem 17 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto-BA. Mora nessa fazenda desde que nasceu, na companhia dos pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Malhada Grande, é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai nasceu na fazenda Papaconha, é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Ambos cursam a Educação de Jovens e Adultos à noite, na fazenda Cedro. Moisés estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. No momento atual, cursa a 8ª série e seu lazer preferido é praticar esporte.

Tatiana

Tatiana (Tf) tem 13 anos, religião católica, negra, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe é zeladora e foi a primeira professora da localidade. Tatiana não informou a naturalidade dos pais, a renda, a escolaridade e a ocupação do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 5ª série e tem como lazer preferido estudar.

² Os códigos utilizados na transcrição das entrevistas foram desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack, na Alemanha. Weller (2005) considera relevante numerar as frases dos membros do grupo, bem como criar códigos para apresentar a entonação da voz e as expressões produzidas pelos participantes (cf. Anexo I). Também assinala a importância de apresentar nomes fictícios para os membros, garantindo assim o anonimato deles (cf. Anexo I).

Carla

Carla (Cf) tem 16 anos, religião católica, negra, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 9 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu em Malhada, trabalha em casa e cursa a Educação de jovens e adultos à noite na fazenda Cedro. Seu pai é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Carla não informou a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 6ª série e tem como lazer preferido brincar de futebol com as amigas.

Wesley

Wesley (Wm) tem 14 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai é lavrador e ganha R\$15,00 por dia. Ambos estão cursando a Educação de Jovens e Adultos à noite na fazenda Cedro. Wesley não informou a escolaridade e a naturalidade dos pais. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Atualmente, cursa a 7ª série e tem como lazer preferido jogar futebol.

Carlos

Carlos (Cm) tem 16 anos, religião católica, negro, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs (informa ainda que morreram 8 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em São Paulo, é zeladora e tem o ensino fundamental completo. Seu pai é lavrador. Não informou a renda dos pais, bem como a escolaridade e naturalidade do pai (escreveu que não sabe a naturalidade do pai). Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Santo Onofre, localizada na fazenda Cedro. Cursa a 6ª série e trabalha na “panha“ de feijão. Informa que trabalha 3 h e que o valor que ganha gasta com alimentação. Seu lazer preferido é o jogo de futebol.

João

João (Jm) tem 18 anos, religião católica, negro, natural de Palmas de Monte Alto. Mora na fazenda Curral Novo desde que nasceu, com os pais. Tem 6 irmãos e irmãs (morreram 2 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em Candiba, é lavradora e ganha R\$15,00 por dia. Seu pai é lavrador

e ganha R\$15,00 por dia. Informa não saber a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai. Estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal José Pinto Lima, localizada na fazenda Curral Novo. Cursa a 7ª série e trabalha. Seu lazer preferido é jogar futebol.

5. Entre ficar e sair: estudo e ajuda à família

A conclusão do ensino fundamental pode motivar ou não esses jovens a continuarem os estudos em outras cidades. Para saber como elaboram as possibilidades de saída ou permanência no local de origem, a pesquisadora insere uma pergunta sobre a continuidade dos estudos. Sair da localidade para estudar, pode fazer parte do projeto de futuro dos/as jovens da fazenda Cedro (Migração):

Y: E vocês pretendem continuar morando no Cedro depois que terminar a 8ª série?

Mm: eu

Wm: eu não pretendo morar depois que eu concluir a 8ª série que eu eu completar (2) se eu passar da oitava série pro primeiro ano eu quero estudar mais pra me poder ser alguma ser (1) poder ser alguma pessoa na vida ter alguma alguma estrutura alguma

Mm: eu pretendo concluir a 8ª série esse ano se Deus quiser e pretendo também é sair pra fora pra estudar fora mas sempre vir visitar a minha terra que é fazenda Cedro não abandonar ela igual muitos faz quero sair pra Deus me ajudar pra um dia na vida e recuperar o que eu gastei com meus estudo

Cm: bom depois que eu fazer a oitava série não pretendo sair porque lá na minha casa só tem eu assim de filho homem os outros já saiu pra trabalhar então eu prefiro ficar mode ajudar meus pais

Tf: eu também prefiro ficar

Cf: eu depois que eu fazer a oitava série eu não pretendo ficar assim mesmo que ficar junto com a família é bom mas se eu ficar só em casa eu não posso ajudar minha mãe mais meu pai em nada aí eu tenho que sair trabalhar e estudar

(3)

Jm: eu também pretendo morar em Curral novo :

Todos: 😊😊😊😊

Y: oi?

Todos: 😊😊😊😊

Jm: 😊eu também pretendo morar lá em Curral Novo😊

As projeções feitas pelos jovens em torno da continuidade dos estudos estão associadas à ideia de migração e de mobilidade social, haja vista a posição de inferioridade que ocupa o trabalhador rural. Embora as condições de acesso e permanência à escola no meio rural ainda sejam desfavoráveis, a ampliação do nível de escolaridade dos/as jovens vem se consolidando, em razão da oferta regular de ensino público nessas áreas, nos últimos anos.

Dessa forma, chama a atenção o fato de que, no momento em que vislumbram a continuidade dos estudos, é à cidade que recorrem para concretizar esse projeto. Embora para Carla “ficar com a família seja bom”, o campo não é visto como local que possibilita melhorar de

vida e ajudar a família. Em épocas passadas, o movimento de ir até a cidade com o objetivo de melhorar de vida marcou a trajetória pessoal e social de muitos homens e mulheres rurais.

A ajuda aqui não se restringe às tarefas partilhadas nas “lidas” da localidade, mas àquela que somente é possível através do trabalho remunerado. Para muitas famílias, o trabalho conquistado pelos filhos que estão “fora” possibilita manter a sobrevivência dos que “ficaram”. Atribuem um valor social e moral, pois essa atividade transcende a possibilidade de suprir as necessidades materiais. As conquistas alcançadas pela via do trabalho são significativas quando estão inscritas num projeto coletivo de melhoria de vida. Daí a ascensão não se restringir ao plano individual, mas às famílias e aos seus iguais (cf. Sarti, 1996). A migração para a cidade pode garantir o acesso a condições de trabalho mais promissoras. É provável que o trabalho agrícola para alguns não se constitua em atividade relevante, dada a relação que estabelecem com a agricultura local, voltada basicamente para a subsistência. O fato de residirem numa região com marcas de isolamento expressivas e que apresenta longos períodos de estiagem pode acentuar o desinteresse para com a agricultura.

É interessante destacar ainda que os jovens propõem as projeções de saída da localidade, ao mesmo tempo em que querem retornar, o que reforça o valor positivo atribuído ao local de origem. Ao contrário de outros momentos em que muitos moradores não demonstravam interesse em voltar “à casa paterna”, os/as jovens que vêm de longe querem voltar. São as aspirações de “ser alguma pessoa na vida...”, tal como formula Wesley que sustentam o projeto de ir para a cidade estudar e trabalhar, o que não significa romper com a localidade de origem, tal como formula Moisés: “Estudar fora mas sempre visitar a minha terra (...), não abandonar ela”. Reconhecem, portanto, que esse retorno traduz-se em tarefa cumprida, dívida quitada com os que ficam. Trata-se de reconhecê-los, considerá-los como importantes. Daí o não abandono.

6. Perfil das participantes do grupo de discussão: as meninas que sonham

Daniela

Daniela tem 14 anos, religião católica, branca, natural da fazenda Angico, em Palmas de Monte Alto. Mora em Espiraiado, há 12 anos, com os pais. Tem 5 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Angico, tem o ensino fundamental incompleto, é gari e ganha R\$70,00 por mês. Seu pai nasceu em Angico, tem ensino fundamental incompleto, trabalha em associação. Não informou a renda do pai. Daniela estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. Cursa a 8ª série e trabalha ajudando em casa, durante a semana. Seu

lazer preferido é jogar baleado. Não participa de grupo ou associação.

Bruna

Bruna tem 14 anos, religião católica, negra, natural de Guanambi. Mora na fazenda Muquém com os pais, desde que nasceu. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Muquém, trabalha em casa e tem o ensino fundamental completo. Seu pai nasceu na fazenda Muquém, é agricultor e tem ensino fundamental completo. Não informou a renda dos pais. Bruna estudou a 1ª etapa do ensino fundamental na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. No momento atual cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é o futebol. Não participa de grupo ou associação.

Geane

Geane tem 12 anos, religião católica, branca, natural de Palmas de Monte Alto. Mora com os pais em Vesperina, desde que nasceu. Tem 1 irmã. Sua mãe é professora, tem ensino superior completo e Pós-graduação *lato sensu*. Seu pai é funcionário da limpeza geral e tem o ensino fundamental completo. Não soube informar a naturalidade dos pais. Também não informou a renda de ambos. Estudou a 1ª série do Ensino fundamental no Colégio Municipal Marciano Antonio Batista, localizado em Vesperina e a 2ª, 3ª e 4ª séries na Escola Municipal Wilson Lins, em Espiraiado. No momento, cursa a 8ª série. Seu lazer preferido é brincar. Não participa de grupo ou associação.

7. Entre ficar e sair: ampliação da escolaridade das jovens

A integração rural-urbana abre diversas possibilidades para os/as jovens rurais, especialmente a continuidade dos estudos e as escolhas profissionais. As perspectivas de continuidade dos estudos e de inserção no mundo do trabalho muitas vezes são vislumbradas com a saída do campo em direção às cidades. Para saber como as jovens pensam a permanência ou não na localidade em que moram – considerando o término do ensino fundamental – a entrevistadora propõe uma pergunta sobre as pretensões futuras dessas jovens (Migração):

Y: E assim vocês pretendem (1) continuar morando em Espiraiado depois da 8ª série?

Bf: eu

Gf: |eu pretendo °morar na Vesperina né°

Bf: eu

Gf: |°só se minha mãe mais meu pai mudar pra outro lugar°

Bf: eu só queria estudar aqui até a oitava mas não sei se (1) é porque (2) o primeiro eu queria assim terminar os estudos em outros lugares que acho que tinha mais oportunidade aprender mais como assim meu sonho é sempre era estudar em São Paulo

eu acho que eu vou 😊😊no final do ano mas eu não queria continuar aqui mas °se continuar tudo bem continuo° nem sempre a gente consegue o que a gente quer mas

Gf: L a gente tem que conformar 😊

Bf: não queria terminar o estudo aqui 😊😊

Df: pra mim o colégio o colégio aqui é ótimo e eu pretendo continuar aqui fazer nem que eu perca um perca mas eu quero fazer aqui a oitava o primeiro o segundo o terceiro porque eu quero terminar meus estudos aqui pra algum tempo assim se eu for sair assim pra algum lugar assim fora tipo assim Guanambi assim pra arrumar um serviço eu quero eu quero assim (2) ter terminado meus estudos assim pra fica melhor gente terminar os estudos assim na localidade onde a gente mora e sai pra outro lugar assim é melhor para arrumar emprego mais melhor (1) porque as vezes às vezes assim chega assim vai trabalhar numa casa de família que tem criança aí a patroa vai deixa uma receita assim pra gente fazer a mamadeira da criança gente não sabe direito como que é como é que vai fazer essa mamadeira de acordo tá escrito lá aí tem que ter ter estudo mesmo saber a ler mas é o certo mesmo é terminar os estudo assim (2) e na minha opinião prefiro assim eu pretendo terminar meus estudos aqui em Espiraiado para depois quando eu sair já sair com mais mai::s experiência com mais conhecimento assim.

Os deslocamentos feitos por muitos jovens do meio rural podem ser motivados por outros elementos, que vão além da necessidade de abandonar áreas em declínio, em busca de outros polos de prosperidade. As estratégias apresentadas pelas jovens para sair da localidade em que moram estão apontadas no prolongamento da educação escolar. O projeto de saída do campo parece estar sustentado no estudo, concebido como elemento motivador.

O estudo move as proposições feitas pelas jovens moças, que apontam a continuidade da trajetória escolar como possibilidade, numa demonstração de que existem condições para que ampliem a escolaridade, em virtude do crescente acesso e permanência dos/as jovens rurais na escola. A mobilização em torno do estudo, sobretudo das jovens mulheres tem provocado a saída destas em direção às cidades. Esse movimento trouxe o fenômeno da masculinização e consequentemente o celibato no campo (ABRAMOVAY, 1998).

O estudo pode garantir a inserção das jovens no mundo do trabalho, que está organizado nos espaços urbanos. A cidade passa a ser apontada como possível espaço de morada, onde podem projetar o futuro. Nesse sentido, as jovens parecem não vislumbrar a permanência junto à família na localidade em que vivem, tal como afirma Daniela: “sair assim pra algum lugar assim fora (...) pra arrumar um serviço.” A condição de jovem moça “estudada” parece não encontrar sustentação no local, uma vez que as possibilidades de trabalho, ainda que precárias, encontram-se fora do campo.

Essa saída muitas vezes é garantida pela permanência nas casas de parentes ou em casas de família. O trabalho doméstico surge como possibilidade de inserção imediata na cidade e parece acompanhar a “sina” de muitas jovens oriundas do meio rural. É como se reproduzissem

as mesmas dificuldades que seus pais tiveram ao migrar, com o agravante de que “naquele tempo” eram semi-analfabetos. No entanto, já são formuladas expectativas no sentido de postergar o ingresso na profissão de doméstica. Daniela, ao destacar que prefere cursar o ensino médio em Espiraiado, não está apenas afirmando que é preciso uma maior preparação para “poder preparar a mamadeira da criança”, também está tentando adiar esse destino que, na sua perspectiva, espera por ela. O domínio da decifração eficiente dos códigos da cultura letrada surge como elemento que viabiliza a permanência no trabalho. Daí a demanda por um estudo que as prepare para essa inserção. E isso só a escola pode fazer.

8. Considerações finais

Os projetos de saída ou permanência do lugar de origem para “Os/as jovens que vêm de longe” trazem alguns aspectos que podem torná-los singulares na sua condição de jovem rural. Ao mesmo tempo que vislumbram sair para trabalhar e ajudar a família – o que reforça o sentimento de obrigação moral para com os seus – também desejam permanecer com o intuito de ajudá-la. Chama a atenção o fato de que esse grupo, apesar de ter uma relação muito positiva com a localidade em que vivem, no momento em que projetam uma melhoria de vida coletiva, é à cidade que recorrem. Isso torna possível pensar que o fluxo migratório nessas áreas rurais permanece bastante ativo, uma vez que as condições estruturais no rural brasileiro favorecem a saída dos/as jovens em busca de outras possibilidades.

Nesse sentido, são os vínculos familiares que parecem mover os possíveis deslocamentos dos/as jovens que vêm de longe, pois estes pensam a permanência ou não na localidade, a partir das necessidades interpostas pelo grupo familiar. Os projetos de futuro desses jovens vão sendo construídos ainda em meio ao conflito que vivem, entre ficar com a família e sair para ter uma vida melhor. Enquanto “Os/as jovens que vêm de longe” se pautam nas obrigações com a família quando pensam em sair ou ficar, “As meninas que sonham” elaboram a saída ou permanência da localidade a partir do prolongamento da escolarização. As jovens desse grupo também parecem estar mais orientadas para um projeto de continuidade dos estudos.

A intensificação da migração de muitas jovens rurais para as cidades, em razão da ampliação do nível educacional, tem se constituído como uma tendência em várias localidades rurais. Esse movimento, que também está aportado num projeto coletivo de melhoria de vida, traz um elemento diferenciador nas orientações coletivas dos/as jovens que vêm de longe. As jovens meninas que sonham não falam sobre o retorno. Nas suas elaborações, vigora o desejo de

trabalhar e estudar, especialmente na cidade. Embora também estabeleçam uma relação positiva com a localidade onde moram, não parecem se sentir no dever de retornar à terra de origem tal como propõem os/as jovens que vem de longe, residentes no Cedro.

Por fim, a ampliação da escolaridade de moças e rapazes residentes em áreas rurais de pequenos municípios brasileiros demanda o desafio de ofertar uma educação que, além de contemplar os saberes, a memória coletiva e a positivação dos processos identitários no meio rural, possibilite também aos/às jovens o diálogo com a realidade mais ampla. A formulação de políticas públicas educativas deve estar articulada, ainda, com um projeto de país e de campo que reconheça a existência do meio rural como lugar de vida, trabalho, cultura e lazer. O desenvolvimento do campo demanda uma política educacional que compreenda e atenda a diversidade e amplitude inerente a este território. Propõe ainda o reconhecimento do sujeito camponês como protagonista propositivo de políticas e não como beneficiários e ou usuários.

9. Referências

- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. “Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida”. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
- BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. “O método documentário e sua utilização em grupos de discussão”. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p.19-38, mar./ago. 2006.
- BRUMER, Anita. “A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade”. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.35-51.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. “Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 15, nº 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.
- CANGAS, Yanko González. “Juventud rural: trayectorias teóricas y dilemas identitários”. *Revista Nueva Antropología*, México, v. XIX, nº 63, p.153-175, 2003.
- CARNEIRO, Maria José. “Juventude rural: projetos e valores”. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.

CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José (Orgs.). “*Juventude rural em perspectiva*”. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DURSTON, John. “Juventude rural, modernidade e democracia”. In: TAVARES, Doraci; LEMOS, Nelson (Comp.). *Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino-Americano*. Santiago do Chile: Procader-Emater/RS – IICA, 1994.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Migração interna no Brasil. “*Comunicados do Ipea*”. nº 61. Brasília, Brasil, Ago. 2010. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100817_comunicadoipea61.pdf.] Acesso em: 10 set. 2011.

MENEZES, Marilda Aparecida; SILVA, Marcelo Saturnino da. “Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares_PB”. In: SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida.(Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010. p. 281-311.

SARTI, Cynthia A. “*A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*”. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.

SCOTT, Parry Russel. “Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações”. In: SCOTT, Parry Russel; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.p. 17-35.

SILVA, Vanda. “*Sertão de jovens*”. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. “Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte de cana de açúcar”. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 1, p.165-180, jun. 2008.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. “Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural”. In: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 279-293.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. “*O mundo rural no horizonte dos jovens*”. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

VEIGA, José Eli da. “*Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*”. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

VIEIRA, Rosângela Steffen. “Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher”. In: WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Orgs.). *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/ IICA, 2006. p. 195-214.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel (Coord.). “*Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*”. Recife, 2006. Relatório de Pesquisa.

WEISHEIMER, Nilson. “Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais”. *Desidades*, Rio de Janeiro, n.1, p. 22-27, ano 1, dez. 2013.

WEISHEIMER, Nilson. “*Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*”. Brasília: MDA/NEAD, 2005.

WELLER, Wivian. “Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos”. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 54-66.

WELLER, Wivian. “A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n.13, p. 260-300, jan./jun. 2005.

ZAGO, Nadir. “Migração rural-urbana, juventude e ensino superior”. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 64, p. 61-78, jan./mar. 2016.

Anexo I

Códigos utilizados na transcrição de grupos de discussão e entrevistas narrativas³

Y: Abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2).

Am / Bf: Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Num grupo de discussão com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subseqüentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm = *Carlos*).

?m ou ?f: Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo).

(.) Pausa curta (menos de um segundo).

(2) Pausa (o número entre parêntesis expressa o tempo de duração da mesma).

³ Modelo desenvolvido por Ralf Bohnsack e outros pesquisadores da Freie Universität Berlin, Alemanha e adaptações para a língua portuguesa desenvolvidas pelo grupo de pesquisa GERAJU (FE/UnB). Publicado em: WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa. Revista de Educação da USP*. São Paulo, vol.32, no.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>.

Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação (ver: Inserir símbolo no programa MS-Word).

; Ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz.

. Ponto: forte diminuição do tom da voz.

, Vírgula: leve aumento do tom da voz.

? Ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz.

-tava Submissão de parte inicial da palavra (estava = -tava).

exem- Submissão de parte final da palavra.

assim=assim Palavras pronunciadas de forma emendada.

exemplo Palavra pronunciada de forma enfática.

exe:::mplo Palavra pronunciada de forma esticada (a quantidade de ::: equivale ao tempo de pronúncia de uma determinada letra).

°exemplo° Palavra ou frase pronunciada em voz baixa.

exemplo Palavra ou frase pronunciada em voz alta.

(exemplo) Palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis.

() Parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).

☺exemplo☺ Palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba (pode-se utilizar também símbolos smiles).

☺(2)☺ Número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala.

©exemplo© Palavras ou frases pronunciadas entre choro (pode-se utilizar também símbolos smiles).

©(5)© Número entre sinais expressa a duração de um momento de choro e interrupção da fala (pode-se utilizar também símbolos smiles).

((barulho)) Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((ruídos externos)), ((atendimento do celular e breve interrupção)), ((risos)).

Sinais de feedback afirmativo: “mhm” ou “ahã”

Vícios de linguagem: “eh” ou né:

Obs.: Os sinais de *feedback* afirmativo devem ser transcritos pois fazem parte da interação existente durante uma entrevista narrativa ou grupo de discussão. Nas entrevistas também é comum as pessoas empregarem o “eh” como uma espécie de pausa entre a frase anterior e a seguinte ou ainda o “né” ao final de uma frase. Esses elementos também devem ser transcritos.

Revisão técnica: Murilo Leite Pereira Neto

Data de envio: 14/09/2018

Data de aceite: 20/12/2018

SILVA, Catarina Malheiros da. Entre ficar e sair do meio rural: o que dizem os/as jovens estudantes da Bahia. **Revista Científica Foz**, v. 1, n. 2, p. 90-109, dez 2018.